

A FIGURA FEMININA EM DOIS POEMAS ROMÂNTICOS

The feminine image in two romantic poems

Danglei de Castro Pereira*

Resumo: levando em consideração algumas reflexões de Alfredo Bosi, em *Imagens do Romantismo no Brasil* e de Antônio Candido, em *Formação da literatura brasileira*, analisaremos a caracterização da figura feminina em "Amor e Medo", de Casimiro de Abreu e "O adeus de Teresa", de Castro Alves.

Palavras chave: romantismo; poesia; mulher

Abstract: Taking in consideration some reflections of Alfredo Bosi, in *Imagens do Romantismo no Brasil* and of Antonio Cândido, in *Formação da literatura brasileira*, we will analyze the characterization of the feminine image in "Amor e medo", of Casimiro de Abreu and "O adeus de Teresa", of Castro Alves.

Key-words: romanticism; poesy; woman

1. Introdução

No Romantismo brasileiro observamos, em nível diacrônico, algumas características recorrentes no que se refere à representação da figura feminina. Em alguns momentos, a mulher aparece elevada a um patamar quase divino; uma figura pura e intocável, que vinculada à imagem da mãe, da irmã e da virgem transmite uma visão idealizada do traço feminino. Em um segundo momento, a figura feminina assume um maior grau de sensualidade, e sua correlação mais imediata aparece sob a égide da esposa casta e amada ou da namorada repleta de valores honrados, sobretudo do amor cortês medieval. Em outros momentos, entretanto, a imagem de pureza e honra cede lugar a uma representação degradada, que correlacionada à figura da prostituta ou da mulher adúltera e depravada, compõe três possibilidades temáticas determinantes do paradigma estrutural da figura feminina no romantismo.

Podemos dizer, então, que a representação da figura feminina em nosso romantismo ocorre tradicionalmente norteadas por três

* Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UUCassilândia

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	49-58
------	-------------	------	------	---------------	-------

paradigmas: i) a imagem da virgem pura e intocada, muitas vezes correlacionada à figura da mãe e da irmã; ii) a representação da esposa virtuosa ou namorada casta, ambas dignas de tratamentos corteses; iii) a figura decadente da amada promíscua ou prostituída, por vezes, erótica e com alto grau de sensualidade. Esses três paradigmas são descritos na grande maioria dos manuais que tratam de nossa literatura. Segundo Junior & Campedelli (1997, p. 78), a mulher é transformada pelo idealismo romântico ora em objeto místico e fatal de contemplação, ora em objeto de sensualidade e erotismo.

Antônio Cândido (2000, p.250), considera a presença feminina, principalmente nos poetas de primeira geração, como “construções da imaginação adolescente”. Em Castro Alves, “a imaginação adolescente” é deixada de lado e surge “um sentimentalismo completo e adulto”. O alto grau de erotismo e sensualidade e a descrição de uma mulher madura e humana são adotados pelo poeta baiano. Podemos dizer, então, que o estudo da figura feminina em Castro Alves nos apresenta uma representação mais complexa dos três paradigmas formativos da figura feminina. Casimiro de Abreu, por outro lado, parece representar a figura feminina de forma mais contida, mas deixa transparecer a inquietação humana, denotando a paixão e o desejo pela posse física da musa.

Cabe ressaltar, que pretendemos, tão somente, explorar a representação da figura feminina, tendo como foco os dois poemas selecionados como *corpus*. Visamos discutir como essas possibilidades representativas da figura feminina são materializadas nos poemas: “Amor e medo”, de Casimiro de Abreu e “O adeus de Teresa”, de Castro Alves. Nossa intenção é comentar os procedimentos adotados pelos dois poetas nesses poemas e, com isso, refletir sobre a materialização da figura feminina em nosso romantismo.

2. “Amor e medo”: a dialética do medo

Em “Amor e Medo”, de Casimiro de Abreu, percebe-se a luta do eu-lírico contra impulsos que contaminariam a pureza do amor ideal determinante no primeiro paradigma formativo da figura feminina. O poema apresenta um tom de deslumbramento diante de uma figura que provoca a inquietação do eu-lírico, que se desvia

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	49-58
------	-------------	------	------	---------------	-------

“cauto” face à “Luz de fogo” que envolve a imagem feminina.

Amor e Medo

Quando eu te vejo e me desvio cauto
 Da luz de fogo que te cerca, ó bela,
 Contigo dizes, suspirando amores:
 — "Meu Deus! que gelo, que frieza aquela!"

Como te enganas! meu amor, é chama
 Que se alimenta no voraz segredo,
 E se te fujo é que te adoro louco...
 És bela — eu moço; tens amor, eu — medo...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
 Da luz, da sombra, do silêncio ou vozes.
 Das folhas secas, do chorar das fontes,
 Das horas longas a correr velozes.

O véu da noite me atormenta em dores
 A luz da aurora me entenece os seios,
 E ao vento fresco do cair cias tardes,
 Eu me estremece de cruéis receios.

É que esse vento que na várzea — ao longe,
 Do colmo o fumo caprichoso ondeia,
 Soprando um dia tornaria incêndio
 A chama viva que teu riso ateia!

Ai! se abrasado crepitasse o cedro,
 Cedendo ao raio que a tormenta envia:
 Diz: — que seria da plantinha humilde,
 Que à sombra dela tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco
 Torrara a planta qual queimara o galho
 E a pobre nunca reviver pudera.
 Chovesse embora paternal orvalho!

Ai! se te visse no calor da sesta,

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	49-58
------	----------------	------	------	------------------	-------

A mão tremente no calor das tuas,
 Amarrotado o teu vestido branco,
 Soltos cabelos nas espáduas nuas! ...

Ai! se eu te visse, Madalena pura,
 Sobre o veludo reclinada a meio,
 Olhos cerrados na volúpia doce,
 Os braços frouxos — palpitante o seio!...

Ai! se eu te visse em languidez sublime,
 Na face as rosas virginais do pejo,
 Trêmula a fala, a protestar baixinho...
 Vermelha a boca, soluçando um beijo!...

Diz: — que seria da pureza de anjo,
 Das vestes alvas, do candor das asas?
 Tu te queimaras, a pisar descalça,
 Criança louca — sobre um chão de brasas!

No fogo vivo eu me abrasara inteiro!
 Ébrio e sedento na fugaz vertigem,
 Vil, machucara com meu dedo impuro
 As pobres flores da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
 Toda a inocência que teu lábio encerra,
 E tu serias no lascivo abraço,
 Anjo enlodado nos paus da terra.

Depois... desperta no febril delírio
 — Olhos pisados — como um vão lamento,
 Tu perguntaras: que é da minha coroa?...
 Eu te diria: desfolhou-a o vento!...

Oh! não me chames coração de gelo!
 Bem vês: traí-me no fatal segredo.
 Se de ti fujo é que te adoro e muito!
 És bela — eu moço; tens amor, eu — medo!...

Nesse poema, Casimiro de Abreu retrata o embate entre o “amor ideal” e o “desejo carnal” como prolongamento de uma tensão

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	49-58
------	----------------	------	------	------------------	-------

entre a castidade e a iminência da promiscuidade da figura feminina evocada pelo eu-lírico. Na passagem, “Eu te diria desfolhou-a o vento!”, podemos observar o caráter sexual inerente ao texto. O jogo de eufemismos associados ao termo “chama” contribuem para a representação de um desejo contido pelo eu-lírico diante de sua amada.

O poema trabalha com esse conter-se, gerando um fluxo de sensualidade no plano das idéias: temor pela posse da figura feminina. As ações estão no plano virtual; porém se concretizadas comprometeriam a pureza da amada. Desse modo, o desejo carnal confere ao sujeito poético um sentido de algoz de si mesmo, uma vez que o poema retrata o medo da consumação da posse da amada. Em versos como “Tenho medo de mim, de ti, de tudo”, temos um exemplo do dilema interior vivido pelo eu-lírico. Suas ações são representações de uma busca pela posse; e, a necessidade de conter o desejo como forma de preservar a pureza da amada dilacera o eu-lírico, instaurando o traço melancólico observado no poema.

Diz: — que seria da pureza de anjo,
Das vestes alvas, do candor das asas?
Tu te queimaras, a pisar descalça,
Criança louca — sobre um chão de brasas!

No fogo vivo eu me abrasara inteiro!
Ébrio e sedento na fugaz vertigem,
Vil, machucara com meu dedo impuro
As pobres flores da grinalda virgem!

O eu-lírico demonstra que os traços de pureza podem ser depreciados pelo contato com o traço carnal. O “queimar” e a imagem da “criança louca” mostram a iminência da degradação do elemento angelical. Dessa forma, os termos “fogo” e “ébrio sedento” representam índices da contaminação imposta pelo eu-lírico, visto como impuro, diante da inocência e castidade da mulher. Esta, entretanto, tenta o sujeito e, por conta disso, é impregnada de sensualidade. Ao mesmo tempo em que apresenta sua pureza, desperta no eu-lírico a ânsia pela posse. A oscilação entre a pureza e a promiscuidade, posto que é a figura feminina que desperta os anseios mundanos no eu-lírico, aponta para a fragilidade da pureza imediata

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	49-58
------	----------------	------	------	------------------	-------

da musa. A amada pura e inocente tenta o eu-lírico transitando entre o primeiro e o segundo paradigma formativo.

O poema, pelo que já foi dito, apresenta o embate entre uma visão pura da figura feminina e a possibilidade de profanação imposta à pureza pelo olhar do eu-lírico. Esta não chega a condição de amada, posto que uma vez contaminada desceria à condição de prostituta. Antônio Cândido (1969) ao se referir à caracterização da figura feminina comenta que o sujeito romântico “possui a dificuldade inicial de conciliar a idéia de amor com a de posse física.”(p.182). é uma oscilação burguesa em essência, pois a figura feminina aparece amalgamada a relações sociais. Quanto mais burguesa a família, maior o valor social atribuído a figura feminina no século XIX. Essa relação, segundo Mendes (1979), pode ser comprovada socialmente pela convenção do dote ou mesmo pelo alto grau de paternalismo presente na sociedade burguesa no século XIX.

Casimiro de Abreu, no que se refere a “Amor e Medo”, estabelece uma perspectiva platônica, associada à figura feminina, mas oscila entre uma imagem pura angelical e a representação demoníaca associada a mulher no romantismo. O eu-lírico vê na pureza da virgem que o tenta o despertar da mulher propensa ao desejo carnal. Esse confronto puro/impuro acaba por imprimir ao poema uma dinâmica sensual que, de certa forma, descaracteriza a visão idealizada característica do discurso romântico. Para Cândido (1969), essa postura pode ser resumida em termos sociais, pois a:

“... mulher da classe servil, a respeito da qual não cabem, para o mocinho burguês, os escrúpulos e negação relativos à virgem idealizada. Por isso mesmo, porque ela está à sua mercê, cobre-a de ridículo a fim de justificar a repulsa. A timidez sexual leva-o a maneiras desenvoltas apenas com mulheres de condição inferior, que incorpora à poesia segundo o mesmo espírito de troca com que são tratados os servos da comédia Clássica; que poderia, mas não quer possuir...” (1969, p.180)

No poema em discussão, o traço impuro não se aplica a uma mulher degradada, antes a uma virgem que imbuída pelo desejo se coloca a mercê de uma degradação. “O ter amor” denotaria, nessa

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	49-58
------	----------------	------	------	------------------	-------

linha de raciocínio, a possibilidade de rebaixamento da posição de virgem para a posição de prostituta. No entanto, “o medo” e o respeito do eu-lírico impossibilitam a concretização factual da degradação que se materializa apenas no nível de idéia, do desejo.

Essa tensão entre o “ideal” e o “carnal” pode ser visualizada em todo o poema, mas, em especial, no verso “Ai! se eu te visse, Madalena pura, ...” assume uma espécie da liberação da libido ao passo que o desejo, ao ser associado à figura bíblica, denota a tentativa de purificação.

3. O Adeus de Teresa”: a profanação do puro

Em “O Adeus de Teresa” verificaremos a presença dos mesmos paradigmas formativos da figura feminina no período romântico.

O "Adeus" de Teresa

A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus
E amamos juntos E depois na sala
"Adeus" eu disse-lhe a tremer co'a fala

E ela, corando, murmurou-me: "adeus."

Uma noite entreabriu-se um reposteiro. . .
E da alcova saía um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem véus
Era eu Era a pálida Teresa!
"Adeus" lhe disse conservando-a presa

E ela entre beijos murmurou-me: "adeus!"

Passaram tempos sec'los de delírio
Prazeres divinais gozos do Empíreo . . .
Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse - "Voltarei! Descansa !. . ."
Ela, chorando mais que uma criança,

Ela em soluços murmurou-me: "adeus!"

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	49-58
------	----------------	------	------	------------------	-------

Quando voltei era o palácio em festa!
 E a voz d'Ela e de um homem lá na orquestra
 Preenchiam de amor o azul dos céus.
 Entrei! Ela me olhou branca surpresa!
 Foi a última vez que eu vi Teresa!

E ela arquejando murmurou-me: "adeus!"

Na primeira estrofe, representa-se a figura feminina em uma perspectiva platônica. O adjetivo “corada” enfatiza tal caracterização, uma vez que nos remete ao traço casto imanente à figura. Nesse sentido, pode-se falar em um rebaixamento da figura feminina no interior do poema. Esta ao longo do texto perde sua condição de virgem pura para passar de amante (segunda estrofe) à prostituta (última estrofe).

Os índices depreciativos contidos no poema vão compondo o processo de posse da amada pelo eu-lírico. O verso “Como as plantas que arrasta a correnteza” pode ser citado como exemplo do que acaba de ser dito. Esse verso denota o desejo de posse inerente ao eu-lírico. A imagem da “correnteza” e da “valsa” implicaria, nessa linha de leitura, o início de um envolvimento amoroso. Na segunda estrofe, teríamos a alusão à figura da amante, uma vez que os elementos sensuais “entreabriu-se um reposteiro”, “mulher sem véus”, entre outros, aludem à materialização do envolvimento carnal.

Dessa forma, pode-se falar que, em “O adeus de Teresa”, o sujeito poético é vencido pelo desejo carnal e, nesse sentido, ocorre o rebaixamento da figura feminina da condição de virgem para a condição de prostituta. Esse rebaixamento pode ser verificado nas duas estrofes finais do poema. Os séculos de “delírio” e a alusão a um novo amor, na última estrofe, acabam por determinar a consolidação à degradação imposta pelo contato entre os amantes.

Pensando em um paralelo entre “Amor e medo” e “O adeus de Teresa” podemos concluir que nesse o olhar do eu-lírico preserva a pureza feminina na medida que contém o impulso carnal. Neste, entretanto, essa visão pura atribuída ao eu-lírico não existe e, consuma-se a posse. Casimiro apresenta a possibilidade de degradação, Alves concretiza essa degradação. Nos dois poemas se percebe os paradigmas formativos da figura feminina no Romantismo

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	49-58
------	----------------	------	------	------------------	-------

brasileiro. De um lado a virgem pura e intocada determinando a melancolia de um sujeito poético tomado pelo desejo contido. De outro o resultado das ações impuras atribuídas ao sujeito poético que, nesse caso, lançam a musa à condição de impura.

Considerações finais

A partir das considerações apresentadas no decorrer do trabalho podemos perceber que no Romantismo brasileiro é possível observar três paradigmas construtivos para a figura feminina. De um lado a figura feminina é caracterizada como um ser puro e angelical cujo teor platônico é latente. De outro, vista como resultado do desejo humano, assume duas possibilidades: ou é a amada ideal, paradigma estrutural da musa medieval casta e bela ou tomada pelo desejo sensual de apelo erótico é rebaixada à condição de prostituta. Se o desejo se estabelece de forma contida e respeitosa os dois primeiros paradigmas preservam a essência de pureza e, nesse caso, teríamos a correlação da figura feminina à mãe, à irmã e à amante/amada como pode ser observado na poesia de Casimiro de Abreu. Caso o desejo assuma a idéia de posse e entrega recíproca a figura feminina perde seu traço puro, sendo rebaixada à condição de prostituta ou amante rebaixada.

Este trabalho discute as peculiaridades da materialização da figura feminina em nosso Romantismo, mas não busca apresentar posicionamentos unilaterais, visto que acreditamos que é na hibridez que encontramos a valorização essencial da mulher em nosso Romantismo. Cabe lembrar, entretanto, que a mulher, mesmo em obras singulares como a de Sousândrade, passa invariavelmente por estes três estados formativos: virgem, amada, prostituída. Nosso objetivo foi, por um lado, apontar para a tendência tradicional inerente a figura feminina e, por outro, possibilitar uma reflexão sobre as implicações sociais desse processo.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. Imagens do Romantismo no Brasil. In: GUINSBURG, J. O **Romantismo**. São Paulo: Perspectivas, 1993, p.239-255.
 JUNIOR e CAMPADELLI. **O romantismo no Brasil**: tendências. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	49-58
------	-------------	------	------	---------------	-------

CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira**. 2.ed. São Paulo: Martins, 1959.

CITELLI, Adilson. **Romantismo**. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1986.

GUINSBURG, J. (Org.) **O Romantismo**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

MENDES, M. G. **A personagem negra no teatro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1979.

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	49-58
------	----------------	------	------	------------------	-------